

## Memórias de Marielle: o que os títulos evocam?<sup>1</sup>

Sheron Weide Alves FERREIRA<sup>2</sup>

Graduanda

Mayara Sousa FERREIRA<sup>3</sup>

Doutoranda

Universidade Estadual do Piauí, Picos, PI

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo compreender quais e de que forma foram construídas as memórias sobre a morte da vereadora Marielle Franco no Portal G1 partindo da compreensão de jornalismo e memória a partir de Palacios (2010), Hallbwachs (1990), Ferreira (2016), Nora (1993) e Barbosa (2006). Os objetos de análise são os títulos de 10 matérias publicadas pelo portal entre março e maio de 2020. O método escolhido foi a análise do discurso.

**Palavras-chave:** jornalismo digital; títulos; memória; Marielle Franco.

### Introdução

Para nos informarmos diariamente, utilizamos os mais diversos veículos midiáticos, nesse sentido, o jornalismo tem o papel social de apurar e veicular acontecimentos no âmbito da atualidade, apurando os acontecimentos factuais e os transformando em notícias. Devemos elucidar que as produções jornalísticas não se configuram apenas no âmbito da atualidade, a produção pode transcender a dimensão do tempo presente e se tornar atemporal na medida em que as narrativas conseguem ecoar memórias. Palacios (2010) faz essa discussão citando que o jornalismo ocupa o duplo lugar, entre a imediatividade e a memória. O jornalismo segundo ele seria um local de arquivamento do cotidiano além de influenciar na (re) construção histórica, a partir de suas publicações.

A exemplo disso vamos citar o assassinato da vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco e seu motorista, Anderson Pedro Gomes no dia 14 de março de 2018. Para esse acontecimento, temos a dimensão do jornalismo na atualidade a partir do momento em que saíram matérias nos mais diferentes veículos de comunicação atualizando as pessoas do que

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT História da Mídia Digital, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia. Este trabalho é concorrente ao Prêmio José Marques de Melo.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Bacharelado em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí UESPI, email: [sheronweide98@gmail.com](mailto:sheronweide98@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Piauí, UFPI, email: [mayarasousa@pcs.uespi.br](mailto:mayarasousa@pcs.uespi.br)

acabara de acontecer, mas essas mesmas matérias podem ser lidas hoje, servindo como um meio de lembrar o caso, ou seja, as mesmas matérias que saíram em tempo real, em 2018, podem ultrapassar essa barreira do imediatismo e se tornar atemporal na medida em que a produção pode funcionar como arquivo.

Halbwachs (1990) discute memória a partir da ótica da coletividade defendendo que a existência da memória individual depende da coletividade. Essa discussão é importante dentro do jornalismo porque os veículos de comunicação produzem e disseminam seus conteúdos para a coletividade. Portanto, podemos inferir que a atividade jornalística tem ligação com as memórias coletivas das pessoas.

Voltando ao caso Marielle Franco, podemos pensar sobre como os produtos jornalísticos chegam à sociedade. O portal de notícias G1, por exemplo, arquivou algumas memórias do caso através de seus textos, seguindo seus próprios critérios, neste ponto frisamos que o jornalismo segue técnicas para a apuração dos fatos, há a exigência de objetividade, veracidade, imparcialidade, contudo, esbarramos mais uma vez na problematização do indivíduo e do coletivo.

Neste artigo, problematizamos o encontro que há entre jornalismo e memória. Ferreira (2016) destaca que o jornalismo faz uso da memória em três situações, como lugar de memória arquivando informações de vários acontecimentos, como memória social no ato de rememorar e guardar memórias e usando o próprio jornalismo como fonte para acompanhar os desdobramentos de determinados acontecimentos.

Se o jornalismo tem influência no coletivo, então, no caso Marielle podemos pensar sobre como se dá esse encontro da memória com o jornalismo através das suas produções jornalísticas no portal G1 e o que esse encontro gera em nível jornalístico, mnemônico e social.

Os textos são a matéria-prima do jornalismo e neles é que encontramos os vestígios da memória com o jornalismo, portanto, buscamos fazer essa reflexão através de análises de uma parte importante dos textos jornalísticos, os títulos. A escolha de analisar títulos nasce da premissa de que esse elemento desempenha um papel fundamental dentro das matérias e mais ainda por ser um ponto chave na compreensão, interpretação e organização do texto e também porque no jornalismo digital o título é uma ferramenta essencial para chamar e prender a atenção do leitor.

Portanto, nosso objeto de estudo são os títulos das matérias que falam sobre o caso Marielle Franco no portal G1. Tendo em vista que foi um caso que gerou muita repercussão

e que o jornalismo possui ligação com a memória, questionamos: quais são as memórias que o portal G1 construiu sobre o caso Marielle Franco a partir dos títulos de suas produções noticiosas?

Assim, temos como objetivo geral: compreender quais foram as memórias construídas do caso Marielle Franco, a partir dos títulos das matérias do portal G1. Os objetivos específicos são: analisar a construção dos títulos das matérias produzidas pelo portal G1 sobre o caso Marielle Franco; perceber como o jornalismo faz uso da própria memória para retomar o caso; e verificar os indícios de memória sobre o caso Marielle Franco nos títulos das matérias do portal G1.

Esta é uma pesquisa explicativa. Gil (2002, p. 43) define que “essas pesquisas têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos”. Ou seja, é uma pesquisa mais aprofundada que busca explicar o porquê de determinados acontecimentos identificando suas causa e efeitos, aqui vamos buscar entender as memórias

Partindo para os procedimentos técnicos, o artigo é uma pesquisa bibliográfica, pois usa fontes bibliográficas como livros e artigos para embasar as discussões (GIL, 2002). Aqui, buscamos outros autores que já discutem memória, jornalismo, títulos jornalísticos e também o caso Marielle Franco para nortear o referencial teórico e dar sustentação às análises e discussões.

Quanto ao objeto de estudo temos uma pesquisa documental, pois os títulos das matérias do portal G1 que falam sobre o caso Marielle Franco são fontes e de acordo com Gil (2002, p. 45), “[...] a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa”. Portanto, as matérias, especificamente seus respectivos títulos, são nossas fontes documentais, pois são objetos de análise.

Temos um total de 10 títulos analisados. A seleção foi feita a partir do resultado da ferramenta de busca disponível na plataforma do G1. Na aba de pesquisa foi inserida a palavra-chave “Marielle Franco”, e a partir dessa busca foram selecionadas as 11 primeiras matérias que apareceram, sendo a primeira com data de publicação do dia 27 de maio de 2020 e a última do dia 5 de março de 2020. O acesso foi feito no dia 29 de maio de 2020.

Para a investigação sobre os títulos noticiosos, realizamos a análise do discurso francesa (AD) a partir do estudo dos sentidos. Lago e Benetti explicam:

O primeiro tipo de pesquisa para o qual a AD é um método adequado diz respeito à análise dos sentidos do discurso jornalístico. É preciso visualizar a estrutura do texto, compreendendo que esta é uma estrutura que vem “de fora”: o texto é decorrência de um movimento de forças que lhe exterior e anterior (LAGO, BENETTI, 2010, p.111).

Com isso, buscamos analisar o que os ditos e não ditos de cada título, seus significados e sentidos explícitos ou que aparecem subentendidos entre as palavras que os constroem. Interpretamos, assim, os vestígios de memória sobre o caso escolhido, a partir das construções dos discursos dos títulos analisados.

### **Lugar de memória do jornalismo**

A memória não se limita apenas ao ato biológico de evocar, ela também está ligada com a sociedade e seus interesses em preservar, guardar, registrar e compartilhar acontecimentos, sejam eles de procedência individual ou coletiva. Segundo Halbwachs (1990), para se obter uma lembrança é preciso fragmentos comuns do acontecimento com outras pessoas e, portanto, é preciso a dimensão social com outros indivíduos para reconstruir um fato passado.

O que Halbwachs (1990) defende é que a existência das memórias individuais depende das memórias coletivas, uma precisa da outra, e ainda acrescenta, Halbwachs (1990, p.54) “um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade”.

Ou seja, o fato de vivermos em sociedade permite que nossas experiências sejam permeadas e compartilhadas com outras pessoas que nos cercam gerando múltiplas influências no nosso comportamento, nas nossas decisões e, conseqüentemente, em nossas memórias.

Além da conexão indivíduo e coletivo existem também outros meios que ajudam na memorização e rememoração de acontecimentos, é o caso dos lugares de memória. Nora (1993) defende que a sociedade precisa cada vez mais de lugares de memória, porque o processo de evocar é algo falho para nós. O conceito de memória para Nora (1993) é ligado diretamente à vida e que parte da atualidade, ela seria memória apenas no momento em que acontece um determinado fato, depois que passa qualquer recordação não se trata mais da memória, e sim, da história.

Isso ocorre porque nós não conseguimos lembrar nos mínimos detalhes de tudo o que acontece, faltam pedaços na nossa memória, nossa lembrança é incompleta, só podemos saber



exatamente tudo o que acontece no momento em que acontece, Nora (1993) reforça essa ideia citando que os lugares de memória são essenciais na tentativa de evocação, mas até mesmo esses lugares só abarcariam resquícios do que já foi memória, seria um meio apenas parcial da memória viva que já passou e agora trata-se apenas de história. Nos lugares de memória buscamos um pequeno registro de algo que já passou, restos do que já foi uma memória viva. Existem vários recursos que se configuram como lugares de memória, mas aqui, destacamos o jornalismo.

A novidade é a base da produção jornalística, porém, pautar a rememoração dos fatos não é algo incomum no fazer jornalístico e, nas produções noticiosas, o jornalismo conflui com a memória. Os fatos que hoje são noticiados e se apresentam como atualizados podem, daqui a 50 anos, se tornarem fontes documentais da realidade social dessa época para historiadores, por exemplo.

Palacios (2010) ressalta que é comum, no jornalismo, a memória ser utilizada como recurso informativo que ajuda na produção e veiculação de notícias atuais e também nas suítes, ajudando nas análises de acontecimentos, e até mesmo contribuindo para a cobrança de desfechos de determinados casos.

Um olhar sobre o próprio fazer jornalístico revela que, em inúmeras ocasiões, o recurso à memória na produção dos conteúdos jornalísticos é evidente. O acionamento da memória é condição de produção em peças jornalísticas de caráter comemorativo (aniversários de eventos ou pessoas) e naqueles em que o fato presente está sinalizando um fim de trajetória, como nos obituários, por exemplo (PALACIOS, 2010, p. 41).

É evidente o que o jornalismo vai de encontro com a memória e que o mesmo a utiliza como um recurso importante em suas produções. Contudo, este uso traz uma responsabilidade ainda maior para o fazer jornalístico perante a sociedade no que diz respeito à construção de memórias coletivas por conta das relações de poder, que aí se colocam em confronto, como discute Ferreira (2016):

Nessa ação de selecionar o que pode ser lembrado, engendram-se disputas de poder sobre as memórias e lembranças e sobre o que poderá ficar nas memórias válidas e oficiais, como também o que poderá ser esquecido, disputas estas que acontecem no presente, tempo de sua construção (FERREIRA, 2016, p. 27).

O fato é que a produção noticiosa passa por seleções, dentro dos milhares de fatos que acontecem simultaneamente, o jornalista precisa decidir junto com a sua equipe o que vai virar notícia, essa seleção depende de técnicas da própria profissão, como, critérios de

noticiabilidade, das negociações dentro da redação, dos valores-notícia. Porém, ao mesmo tempo em que alguns fatos são escolhidos, outros são descartados, e, querendo ou não, essa seletividade pode ajudar a eleger o que será lembrado coletivamente e o que não.

Outro ponto importante a respeito da memória nas produções noticiosas é, observar como a mesma é construída a partir da maneira que o texto é escrito, o foco da pauta, as imagens utilizadas, o título, o direcionamento que o jornalista dá à informação são elementos que influem na forma em que poderá ser lembrado determinado acontecimento pela sociedade.

Apesar da exigência de técnicas de produção, apuração e redação, de objetividade, imparcialidade e veracidade na escrita dos textos, o jornalista possui suas subjetividades e elas influenciam no produto jornalístico desse profissional, de forma consciente ou não, intencional ou não, sutil ou não.

Então, se por um lado temos a seletividade para o que será divulgado, o que não é torna-se esquecido e não oficial, portanto, não há uma total construção da memória como ela é exatamente, na verdade, só se mostra um fragmento que pode ser tido como o oficial porque foi noticiado.

Nesse sentido, Barbosa (2006, p.16) acrescenta: “na operação seletiva, ao se destacar o que precisa ser lembrado, se esquece publicamente - por uma política de esquecimento - o que não vai ser comemorado”. Assim, o jornalismo mensura o que merece ser comemorado ou não de acordo com seus próprios critérios e interesses e ainda instiga a forma que terá tal lembrança. Então se há critérios e interesse dentro dos veículos de comunicação e se há construção de memórias precisamos voltar nosso olhar para as narrativas e para a forma que são construídas como um todo, desde o título até o restante da matéria, por hora, ficaremos apenas nos títulos.

### **Títulos jornalísticos**

É através do título que o leitor tem o primeiro contato visual e informativo de uma matéria. Mesmo sendo uma estrutura mais curta, ela é capaz de carregar informações importantes. Comasseto (2001) discute que antes da leitura em si do jornal fazemos uma pré-leitura através dos títulos e já nessa pré leitura conseguimos nos atualizar e fazer algumas deduções sobre as notícias apresentadas, isso facilita o entendimento do leitor e ainda possibilita uma pré seleção dos temas que mais chamaram a atenção. Comasseto (2001) diz que:

Mesmo sem terem conhecimento consciente das estruturas da notícia, sabem os leitores que a informação essencial é, na maioria das vezes, encontrada no título, e só a leitura dele pode ser suficiente para uma compreensão satisfatória do tema do relato, se o restante das informações vier automaticamente pela ativação de esquemas mentais, especialmente de acontecimentos prévios noticiados em edições anteriores (COMASSETO, 2001, p. 33-34).

O título antecipa o conteúdo que será abordado na matéria trazendo as informações principais de maneira mais resumida. Espera-se que o leitor consiga presumir rapidamente do que trata o texto. Outra característica é a capacidade de convidar para a leitura. Comasseto (2001) frisa que é importante que ele seja atraente para o leitor de modo a chamá-lo a adentrar na notícia, sendo uma ferramenta rápida e eficaz a nível informacional.

O título precisa ser alinhado ao restante do texto tendo clareza, coerência e coesão para não fugir do tema, afinal, sua leitura pode gerar variadas interpretações e significados impactando nas impressões e opiniões de quem os lerem. Simultaneamente, durante a leitura há uma prévia construção de sentido, a partir da ativação de questionamentos, posicionamentos e ideologias pré-existentes em cada indivíduo.

A maneira de fazer e consumir informação mudaram com o tempo. Aos poucos os veículos de comunicação migraram para o ambiente digital e precisaram se reinventar para se adequarem ao ambiente online. Na busca pela adequação, a estrutura dos títulos teve que ser repensada para que atendesse às demandas e exigências do mundo digital. Bertolini (2014) compara os títulos do jornalismo online e do impresso destacando que no impresso eles costumam ser maiores, com mais palavras do que o da web, nessa observação autor mostra a mudança nos títulos para que fossem readequados para o ambiente online. Bertolini (2014) continua:

Na internet nos parece que o título jornalístico deve ser ainda mais atraente, uma vez que a atualização de conteúdo é contínua, o que gera um amontoado de informações impossível de ser lidas por inteiro – talvez nunca antes na história do jornalismo a leitura tenha sido baseada nos títulos (BERTOLINI, 2014, p.108).

No jornalismo online, o título possui grande importância por ser a chave para atrair muitos acessos às notícias. Um título atraente é fundamental para que, em meio a tantos conteúdos, uma matéria se destaque e seja escolhida pelo internauta. Além disso, o meio digital pede imediatismo e objetividade, quanto mais direto e informativo o título, melhor será para o leitor. Se o título desempenha total diferença no texto online e é capaz de produzir sentidos, interpretações e significados podemos dizer que sua construção é um desafio e seu consumo pelo leitor é um processo a ser pensado e problematizado.

## **Memórias do caso Marielle Franco: análise dos títulos jornalísticos**

A mulher que hoje é conhecida só como Marielle Franco, na verdade se chama, Marielle Francisco da Silva, nasceu no Rio de Janeiro em 27 de julho de 1979 e teve sua vida tirada em 14 de março de 2018, nas palavras de Senger; Graube (2018, p. 171): “a vida de Marielle Franco foi brutalmente interrompida com fortes indícios de que, por desafiar grandes estruturas, não foi poupada”. Essa fala mostra de maneira simples o quanto a morte de Marielle é cercada de incertezas e repercussões.

Marielle era vereadora no Rio de Janeiro pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), eleita em 2016 com um expressivo número de votos, a vereadora era muito conhecida pelas causas que defendia e lutava.

[...]como vereadora, ela carregava a pauta do movimento de mulheres, era ativista contra o preconceito racial, a favor da diversidade sexual e da segurança pública, especialmente nas favelas. Em sua história de vida, percebe-se que suas bandeiras de luta emergem diretamente de sua experiência pessoal (SENGER; GRAUBE, 2018, p.171).

É notável que Marielle era uma personalidade proeminente, tanto pelo cargo que ocupava, quanto pelo seu engajamento em militar a favor de pautas sociais e esse lado militante não era dissociado da sua vida política, pelo contrário, um completava o outro. No dia 14 de março de 2018 o Brasil e o mundo recebia a notícia de que ela e seu motorista haviam sido alvejados e mortos dentro do carro quando retornavam de evento realizado no centro do Rio de Janeiro. De acordo com Senger; Graube (2018, p. 171), “Marielle Franco foi morta a tiros aos 38 anos em pleno exercício de seu mandato como vereadora no Rio de Janeiro. Foram disparados ao menos nove tiros, sendo que quatro destes atingiram Marielle”.

O ocorrido ganhou bastante repercussão nas redes sociais e na mídia como um todo, segundo um levantamento do site FGV DAPP mobilizou mais de 567 mil menções no Twitter só na noite em que Marielle foi morta. Esse dado mostra que o assassinato da vereadora foi muito comentada e divulgada.

A seguir trazemos os 10 títulos encontrados no portal G1, encontramos títulos que tratam sobre o andamento do caso, de questões judiciais e também títulos com abordagens mais sociais com a perspectiva da família de Marielle. Esmiuçamos os títulos buscando seus sentidos e significados e as mensagens que deixam para quem os lê e como suas construções discursivas constroem e reconstróem as memórias do caso. Os títulos estão na tabela abaixo:



**Tabela 1:** títulos jornalísticos analisados

TÍTULOS	DATAS
STJ deve julgar federalização do caso Marielle no próximo dia 31	5 de março de 2020
Justiça mantém prisão por porte ilegal de arma de ex-PM acusado de matar Marielle e Anderson	6 de março de 2020
É #FAKE que mulher que faz denúncias sobre a investigação do assassinato de Marielle em vídeos seja tia de vereadora	7 de março de 2020
Ronnie Lessa e Élcio de Queiroz vão a júri popular acusados de matar Marielle e Anderson	10 de março de 2020
Viúva e irmã de Marielle Franco veem decisão que leva Ronnie Lessa e Élcio de Queiroz a júri popular como avanço	10 de março de 2020
Anistia Internacional e familiares de Marielle criticam demora na investigação dois anos após crimes	14 de março de 2020
Grafite com rosto de Marielle Franco é pichado com xingamentos em Ribeirão Preto	20 de maio de 2020
STJ decide nesta quarta-feira se caso Marielle Franco será investigado pela Polícia Federal	27 de maio de 2020
Familiares e entidades fazem mobilização contra federalização da investigação das mortes de Marielle e Anderson Gomes	27 de maio de 2020
Viúva de Marielle Franco comemora decisão do STJ de não federalizar caso: “Vitória importante”, diz Mônica	27 de maio de 2020

**Fonte:** elaboração das autoras

Começamos com títulos mais antigos para os mais atuais. O primeiro: “*STJ deve julgar federalização do caso Marielle no próximo dia 31*”. Nele, chamamos a atenção para a liberdade das palavras “caso Marielle”, onde o portal optou por se referir ao assassinato de uma maneira mais simples, sem necessariamente caracterizar quem é Marielle citando seu cargo, partido, ou sequer seu sobrenome. Tampouco, especifica que o “caso” se trata de um homicídio.

A maneira mais curta de se referir ao assassinato e à vítima mostra uma certa “intimidade” do G1 com o caso talvez por acreditar que a pauta já faça parte das memórias

coletivas da população, então, citar só “caso Marielle”, já é suficiente porque os leitores já conseguem rememorar do que se trata. Um dos motivos que ajudam a fazer com que esse fato já seja íntimo do repertório mnemônico social é o espaço jornalístico que é dado através da alta repercussão com suítes, como é o caso dessa notícia.

Ao mencionar a data em que deve acontecer o julgamento da federalização do caso, o jornalismo do G1 acompanha e relembra às pessoas essa pauta de análise do STJ contribuindo para que o tema não caia no esquecimento e nem no silenciamento, é o que Ferreira (2016, p. 30) chama de “jornalismo como memória da sociedade”.

*“Justiça mantém prisão por porte ilegal de arma de ex-PM acusado de matar Marielle e Anderson”*. Após trazerem a informação principal da manutenção de uma prisão, é acrescida a informação de que a pessoa envolvida possui a acusação de envolvimento no caso Marielle. Então, o policial tem sua identidade relacionada também ao episódio, afinal, a prisão se trata do porte ilegal de arma e não da acusação da morte. Destacar a ligação do PM com Marielle enfatiza que além dele estar preso por porte ilegal de arma, também é acusado pela morte da vereadora. Assim, o leitor constrói sua memória assimilando que o PM possui uma outra acusação atrelada ao caso Marielle mesmo esta não o principal foco da matéria, abrindo uma grande brecha para que o nome de Marielle apareça.

*“É #FAKE que mulher que faz denúncias sobre a investigação do assassinato de Marielle em vídeo seja tia da vereadora”*. O G1 pode ter julgado importante veicular esse assunto pela relação do jornalismo com a verdade que é um princípio básico da prática profissional. A rápida proliferação, produção e circulação de informações por qualquer pessoa, aumentam-se também as *fake news*. Ao desmentir um dado falso, o jornalismo se coloca como lugar de verdade pela apuração e investigação, construindo memória de si como instituição relevante nesse cenário atual.

O jornalismo possui um espaço de fala legitimado na sociedade, então, quando o portal de notícias apura e desmente esse fato, há a reafirmação de ser um veículo que busca a veracidade contribuindo para que as pessoas se lembrem desse vídeo como algo *fake*. Aqui, tem-se uma ligação direta sobre o tipo de indício de memória que veículo escolheu construir sobre um acontecimento, a partir dos sentidos produzidos. Lago e Benetti (2010) fala sobre a construção de sentidos sobre esse tipo de discurso que não se encerra em si no próprio texto noticioso, tampouco começa nele. Na verdade, os sentidos que títulos como esse impõem, de forma explícita ou implícita, dizem respeito às construções sociais.



A memória integra o social ajudando a ratificar tais construções, seja pela sua participação na construção, reconstrução e fortalecimento da cultura, seja pela participação naquilo que chamamos de imaginário coletivo. São negociações que, muitas vezes, extrapolam as redações de jornalismo e falam da própria sociedade. As autoras citadas ressaltam que analistas de discursos devem perceber duas camadas: uma mais superficial, aquilo que está facilmente à vista; e outra, mais submersa, onde estão as motivações, as ideias, não aparentes. No caso do título em análise, na primeira camada, vemos um veículo que desmente informação, um site noticioso preocupado em informar com verdade, em combater a desinformação. Na segunda camada, podemos presumir um discurso que pretende combater aquilo que desqualifica a investigação e que pode prejudicar o juízo sobre o caso.

*“Ronnie Lessa e Élcio de Queiroz vão a júri popular acusados de matar Marielle e Anderson”*. Nesse título os acusados são mencionados como sujeitos de destaque na construção de sentidos. Acreditamos que trazer os nomes desses dois homens logo no título demonstra que o G1 julga ser uma informação relevante, afinal, no título não há espaço para informações secundárias, esse destaque também influi no leitor, que de cara já tem sua atenção fisgada pelos dois nomes e conseqüentemente seu arquivamento sobre esses dois nomes será ligado ao caso Marielle na construção das memórias de cada indivíduo.

*“Viúva e irmã de Marielle Franco veem decisão que leva Ronnie Lessa e Élcio de Queiroz a júri popular como avanço”*. Nesse título há a preocupação do portal em trazer continuidade ao caso trazendo um outro título repercutido da matéria anterior e retomando o mesmo assunto, mas com focos diferentes. Ferreira (2016) diz que o jornalismo usa a memória de e para si, assim o G1 utiliza a sua própria memória quando retorna à mesma pauta da outra matéria anteriormente publicada.

*“Anistia Internacional e familiares de Marielle criticam demora na investigação de dois anos após os crimes”*. Nele há um indício claro de retomada de memória quando se refere ao fato de já terem passado dois anos do crime, o jornalismo tem a capacidade de celebrar datas para lembrar algo e nesse lembrar o veículo pode desempenhar o papel de não deixar cair no esquecimento coletivo. Além de lembrar que já se passaram dois anos, o título indica no seu discurso sentidos de indignação em relação ao andamento da investigação. “Dois anos”. “Demora”. Leva à compreensão de que já se passaram dois anos e ainda assim não há muitas respostas sobre o que aconteceu. Esse título pode influenciar na construção de uma nova memória coletiva sobre o tema, onde há uma indignação implícita

pelo lento andamento do caso, ao mesmo tempo em que cobra um desfecho pela evocação das memórias e pela menção do caráter temporal.

*“Grafite com rosto de Marielle Franco é pichado com xingamentos em Ribeirão Preto”*. Ele traz de maneira sutil um reflexo do que o caso Marielle representa na sociedade. Para uma parcela da população a vereadora é vista como um símbolo das causas que ela defendia, porém existem aqueles que não compactuam com essa visão e são contrários às suas ideologias, fazemos essa observação baseada na camada ideológica que é discutida por Lago; Benetti (2010), as autoras defendem que há motivações externas que entram no texto e acabam por determinar os discursos, neste caso vemos uma forte motivação externa do ponto de vista social do que representa a figura de Marielle.

O grafite demonstra essa visão da Marielle como alguém importante e sua pichação refletem o outro lado contrário. Outra inferência diz respeito ao que é escolhido noticiar e o que não é, os ditos e não ditos em termos de analistas de discursos. Com frequência, outras artes de ruas devem ser pichadas, porém não são noticiadas mas a pichação de um grafite que tem o rosto de Marielle foi escolhido para virar notícia e essa escolha, como já explicamos, se deve a muitas questões, aqui talvez seja porque se trata de uma proeminente e essa escolha influencia no que vira ou não memória.

Os três últimos são: 1. *“STJ decide nesta quarta-feira se caso Marielle Franco será investigado pela Polícia Federal”* 2. *“Familiares e entidades fazem mobilização contra federalização da investigação das mortes de Marielle e Anderson Gomes.”* 3. *“Viúva de Marielle Franco comemora decisão do STJ de não federalizar caso: “Vitória importante, diz Mônica”*.

No mesmo dia temos três matérias sobre o mesmo acontecimento, porém com focos diferente, o título 1 por exemplo, traz a possível decisão do STJ, nele vemos um teor introdutivo sobre a possível federalização do caso porque traz apenas a informação de que a decisão será tomada ou não ainda na quarta-feira, o uso de “nesta” remonta ao leitor uma proximidade para que o mesmo entenda que a quarta feira em questão que a decisão sairia é a atual, hoje, assim ele pode atentar para acessar o portal ao longo do dia para saber o desenrolar da decisão, isso é interessante porque de fato ao longo do dia o portal soltou mais três matérias atualizando o andamento do caso, então, esse título abre uma sequência de outros que virão depois, assim o portal consegue fazer uma cronologia com os desdobramentos da decisão.

Já no segundo, temos um contraponto mostrando a posição da família frente à decisão, o portal se preocupa em trazer os desdobramentos, desdobramentos esses que não ficam presos apenas na esfera judicial, quando o título diz que os familiares e as entidades se colocam contra a federalização da investigação, de maneira sutil ele mostra que é algo negativo federalizar o caso, porque se a própria família da vítima é contra porque seria algo bom? Podemos dizer também que ele ajuda a influenciar as pessoas assumirem a postura de também serem contra a federalização.

O 3 traz a comemoração dos familiares mediante a decisão, aqui vemos o quanto esses últimos títulos estão interligados e um completa o outro dando um sequenciamento sobre o acontecimento. Mais uma vez é trabalhada a questão da família de Marielle, entendemos que é até uma forma de reforçar a ideia do título anterior, porém neste, o portal traz o lado comemorativo da decisão.

Nota-se que os títulos estão interligados não só por tratarem da mesma temática, mas por estarem dando sequência um ao outro, a cada nova informação há uma matéria diferente, e acaba criando uma cronologia dos fatos, mais uma vez o jornalismo retoma um primeiro fato e mostra seus desdobramentos, então não era só dizer que o STJ iria decidir o futuro do caso Marielle e sim acompanhar seus desencadeamentos e trazê-los a público essa ação está diretamente ligada à capacidade do jornalismo de rememorar fatos.

Pela análise foi possível perceber que o portal G1 possui a característica de dar continuidade ao caso Marielle trazendo seus desdobramentos, novidades, e retomando temas de outras matérias já publicadas, fazendo uso da própria memória. Houve títulos que traziam atualizações sobre o andamento judicial do caso e ao mesmo tempo títulos que traziam a reação dos familiares, amigos e entidades perante essas atualizações.

Podemos concluir que os títulos analisados constroem uma memória do caso a partir dos desdobramentos judiciais com atualizações sobre os acusados, julgamentos e outras questões legais e também constrói uma memória de cunho mais social para além do assassinato em si. Os títulos tratam do andamento do caso e, simultaneamente, dos impactos mais sociais desse andamento. Ao fazer isso o G1 constrói memórias do caso que vão além do próprio caso, são memórias sociais de impacto, indicando os efeitos que o caso Marielle tem no Brasil e, quiçá, no mundo, mostra como o nome Marielle e a morte dela repercute em nível social.

Observamos também que alguns títulos trazem interferências e discussões mais ideológicas que são trazidas para dentro do discurso textual, discussões essas que estão fora

do ambiente jornalístico (nas ruas, nas redes sociais, nos próprios debates sociais) mas que o jornalismo pega e agenda para suas produções.

Outro ponto é os títulos possuem uma diferença de poucos dias de um para o outro e, como dito acima, elas são interligadas por um sequenciamento. Quem tem o hábito de acessar o G1 para se informar consegue se atualizar e fazer uma cronologia entre as matérias. Essas características conferem a reflexão de que há uma preocupação em não deixar que o caso caia no esquecimento coletivo. Já discutimos aqui que o jornalismo ocupa esse lugar de memória social. Um assunto pautado com muita frequência e de maneira ampla possui grandes chances de ficar marcado nas memórias das pessoas e conseqüentemente influencia na forma em que essa memória será construída.

## REFERÊNCIAS

Acusados de matar Marielle Franco e Anderson Gomes vão a júri popular. *Jornal Nacional*. 10 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/03/10/acusados-de-matar-marielle-franco-e-anderson-gomes-va-o-a-juri-popular.ghtml>. Acesso em: 4 jun. 2020.

BARBOSA, Marialva. Mídias e usos do passado: o esquecimento e o futuro. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 12, p. 13-26, dez. 2006. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/1458>. Acesso em: 29 mai. 2020.

BARREIRA, Gabriel; SATTRIANO, Nicolás. Ronnie Lessa e Élcio de Queiroz vão a júri popular acusados de matar Marielle e Anderson. *G1 Rio*, Rio de Janeiro, 10 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/10/ronnie-lessa-e-elcio-queiroz-va-o-a-juri-popular-acusados-da-morte-de-marielle.ghtml>. Acesso em: 4 jun. 2020.

BARREIRA, Gabriel; SATTRIANO, Nicolás. Viúva e irmã de Marielle Franco veem decisão que leva Ronnie Lessa e Élcio de Queiroz a júri popular como avanço. *G1 RIO*. Rio de Janeiro, 10 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/10/viuva-e-irma-de-marielle-franco-comemoram-decisao-que-leva-ronnie-lessa-e-elcio-de-queiroz-a-juri-popular.ghtml>. Acesso em: 4 jun. 2020.

BERTOLINI, Jeferson. O título da notícia na internet: funções clássicas e impactos na leitura e na compreensão do texto. *Revista Científica Ciência em Curso*, Palhoça, SC, v. 3, n. 2, p. 99-110, jul/dez. 2014. Disponível em: <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/ciencia-em-curso/0302/030202.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2020.

BRITO, Carlos. Anistia Internacional e familiares de Marielle criticam demora na investigação dois anos após crimes. *G1 Rio*, Rio de Janeiro, 14 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/14/anistia-internacional-e-familiares-de-marielle-criticam-demora-na-investigacao-dois-anos-apos-crimes.ghtml>. Acesso em: 4 jun. 2020.

COMASSETO, Ramires Leandro. **As razões do título e do lead**: uma abordagem cognitiva da estrutura da notícia. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/80216>. Acesso em: 29 mai. 2020.

D' AGOSTINO, Rosanne; OLIVEIRA, Mariana; VIVAS, Fernanda. STJ deve julgar federalização do caso Marielle no próximo dia 31. TV Globo e G1, Brasília, 5 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/05/stj-deve-julgar-federalizacao-do-caso-marielle-no-dia-31-de-marco.ghtml>. Acesso em: 4 jun. 2020.

D' AGOSTINO, Roseanne. STJ decide nesta quarta-feira se caso Marielle Franco será investigado pela Polícia Federal. G1, Brasília, 27 mai. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/27/stj-decide-nesta-quarta-feira-se-caso-marielle-franco-sera-investigado-pela-policia-federal.ghtml>. Acesso em: 4 jun 2020.

É #FAKE que mulher que faz denúncias sobre a investigação do assassinato de Marielle em vídeo seja tia da vereadora. G1, 7 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2020/03/07/e-fake-que-mulher-que-faz-denuncias-sobre-a-investigacao-do-assassinato-de-marielle-em-video-seja-tia-da-vereadora.ghtml>.

FERREIRA, Mayara Sousa. **Memórias da cultura**: estratégias e táticas de Revestrés na (re) construção das identidades piauienses. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação)– Centro de Ciências da Educação Professor Mariano da Silva Neto, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:BxDPRa-8lOMJ:https://sigaa.ufpi.br/sigaa/verProducao%3FidProducao%3D1107864%26key%3D4f52dc12f479282d0a8d360c5a30603c+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 29 mai. 2020.

GIL, Carlos Antônio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Grafite com rosto de Marielle Franco é pichado com xingamentos em Ribeirão preto. G1, Ribeirão Preto, 20 mai. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2020/05/20/grafite-com-rosto-de-marielle-franco-e-pichado-com-xingamentos-em-ribeirao-preto.ghtml><https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2020/05/20/grafite-com-rosto-de-marielle-franco-e-pichado-com-xingamentos-em-ribeirao-preto.ghtml>. Acesso em: 4 jun. 2020.

LAGO, Cláudia; BENNETI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MAURICE, Halbwachs. **A memória coletiva**. Tradução Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara AunKhoury. **Proj. História**, São Paulo, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 29 mai. 2020.

PALACIOS, Marcos. Convergência e memória: jornalismo, contexto e história. **Matrizes**, São Paulo, ano 4 , n.1, p.37-50, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38274>. Acesso em: 29 mai. 2020.

SATRIANO, Nicolás. Justiça mantém prisão por porte ilegal de arma de ex-PM acusado de matar Marielle e Anderson. G1 Rio, Rio de Janeiro, 6 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/06/justica-mantem-prisao-por-porte-ilegal-de-arma-de-ex-pm-acusado-de-matar-marielle-e-anderson.ghtml>. Acesso: 4 jun. 2020.

SENGER, Sabrina; GRAUBE, Ademir Tiago. Marielle Franco. **Coisas do Gênero**, São Leopoldo, v.4, n. 1, p. 169-174, jan-jun. 2018. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/viewFile/3409/3040>. Acesso em: 18 jun. 2020.